

## EDUCAÇÃO E PANDEMIA - DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria José Gomes dos Santos Farias <sup>1</sup>  
Anne Dayse Barbosa Sousa Magalhães <sup>2</sup>  
Maria Luiza de Oliveira Melo <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo teve como objetivo refletir sobre o ensino remoto em uma turma de 3º período da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da rede pública do estado de Alagoas no contexto da pandemia da Covid-19, a partir da perspectiva de duas professoras dessa modalidade. Para isso, optamos pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, tendo em vista que ela permite compreender os fenômenos mediante a perspectiva dos sujeitos da pesquisa e, a partir daí, interpretar os fenômenos estudados. Assim, amparadas nas falas das participantes, fizemos uma análise acerca de como se deu o processo das aulas remotas na turma objeto de estudo. Apoiamos-nos teoricamente em Casatti (2020), Parasuraman (1991), Minayo (1994), além de documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica - LDB (1996). Por meio deste trabalho, foi possível depreender que, embora o ensino remoto tenha sido desafiador para alunos e professores, constituiu-se como uma oportunidade substancial para a revisão da prática docente, principalmente no que diz respeito à utilização de ferramentas digitais como recurso pedagógico.

**Palavras-chave:** EJA, Ensino Remoto, Desafios.

### INTRODUÇÃO

A LDB (BRASIL, 1996) assegura a igualdade de acesso e permanência na escola e ensino de qualidade, valorizando o conhecimento prévio do aluno e garantindo a obrigatoriedade do Ensino Fundamental gratuito, sobretudo para as pessoas que não tiveram acesso a esta modalidade na faixa etária apropriada. Surge então a Educação de Jovens e Adultos - EJA - que substitui o antigo supletivo, visando reinserir o educando no mercado de trabalho.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. 51 § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se,

<sup>1</sup> Mestre do curso PROFLETRAS da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [biaafarias2019@gmail.com](mailto:biaafarias2019@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestre do curso PROFLETRAS da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [annedaysemag@gmail.com](mailto:annedaysemag@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre do curso PROFLETRAS da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [maluoliveiramelo@gmail.com](mailto:maluoliveiramelo@gmail.com).



preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 1996, p.26)

Partindo do pressuposto de que compete à escola formar o adulto trabalhador e dar suporte necessário para que prossiga seus estudos, foram criadas algumas iniciativas, como a EJA e o Proeja, que surgiram com o objetivo de garantir práticas pedagógicas adequadas que possibilitem atender as particularidades dos educandos com esse perfil.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, que surgiu a partir da necessidade de oferecer oportunidade para aquelas pessoas que não conseguiram concluir o ensino básico na faixa etária adequada, estimulando o regresso de jovens e adultos à sala de aula.

Nessa perspectiva, se faz necessário compreender que os discentes da Educação de Jovens e Adultos enfrentam muitos problemas, como preconceito, dificuldades na aprendizagem, retraimento e discriminação no cotidiano familiar e na vida em comunidade. Face a essa realidade, a instituição escolar deve dar o apoio de que precisam para que não abandonem os estudos durante esse processo de formação.

Nessa direção, importa ressaltar que, no final do ano 2019, surgiu um novo vírus, alcunhado de novo coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-COV-2), causador da doença covid-19, que deixou o mundo em alerta. Desde a sua descoberta, o número de pessoas infectadas pela doença cresceu exponencialmente, de tal modo que, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a doença como pandemia.

Em fevereiro de 2020, o Brasil registrou o seu primeiro caso. Daí em diante, o número de casos só aumentava. Diante do caos que se instalou pelo mundo, visando reduzir o risco de contaminação, o Ministério da Educação (MEC) juntamente com o Conselho Nacional de Educação (doravante, CNE) precisaram adotar medidas emergenciais para conter a proliferação do vírus. Para isso, foi necessária a provação de diretrizes para escolas de educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia.

Nesse sentido, o CNE publicou uma Nota de Esclarecimento autorizando a realização de atividades a distância nas esferas federal, estaduais e municipais e distrital, nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Segundo a Nota:

[...] ao adotar as providências necessárias e suficientes para garantir a segurança da comunidade social, os sistemas federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e as redes e instituições de educação básica e educação superior, devem considerar a aplicação dos dispositivos legais em articulação com as normas estabelecidas por autoridades federais, estaduais, e dos sistemas de ensino, para a organização das atividades escolares e execução de seus calendários e programas, ficando, a critério dos próprios sistemas de ensino e redes e instituições de educação básica e educação superior, a gestão do calendário e a forma de organização, realização ou reposição de atividades acadêmicas e escolares. (BRASIL, 2020, p. 2)

Diante da então conjuntura, e sendo o distanciamento e o isolamento social medidas essenciais para a contenção da propagação do vírus, estados e municípios passaram a adotar medidas públicas, dentre elas, a suspensão das atividades escolares na modalidade presencial.

A pandemia, que se atravessara no nosso caminho, nos tirou algo muito precioso - a nossa vida social, o contato com o outro - por isso, de repente, a escola passou a não ter mais muros, o chão da escola passou a ser a sala, o quarto ou qualquer outro cômodo da casa do professor. Novas relações precisaram ser estabelecidas, pois já não se tinha o contato diário com os alunos. Estava-se diante de uma situação nunca vivenciada, contudo isso não nos dava o direito de ficar inertes diante da nova realidade imposta. O que fazer? Por onde começar?

Com isso, foi necessário adotar o ensino remoto em caráter emergencial, que transformou a realidade educacional e que demandou dos diferentes contextos de ensino uma série de medidas para minimizar os impactos da pandemia sobre a aprendizagem dos estudantes, como a utilização de ferramentas e aplicativos digitais como recursos pedagógicos e a disponibilização de material impresso, intitulado Roteiro de estudos.

Segundo, Rosa (2020, p.1):

De repente, sem aviso prévio, o distanciamento social passou a ser a regra e colocou em xeque um sistema educacional tradicional, fixado em práticas consagradas desde o século XIX, quando as únicas ferramentas didáticas eram o quadro negro, giz e a voz do professor.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de campo, que se caracteriza pelas investigações realizadas através da coleta de dados junto às pessoas, somando à pesquisa bibliográfica e/ou documental, foi realizada em uma escola da rede pública de Alagoas que funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e, quando da realização da pesquisa (2020), oferecia como modalidades de ensino: o Ensino Médio de Tempo Integral, o Ensino Médio Regular e a Educação de Jovens e Adultos em dois formatos: Período e Módulo. Atualmente, a instituição oferece apenas o Ensino Médio de Tempo Integral e a EJA Modular, que substituiu o formato anterior. O foco dessa investigação foi uma turma de 3º período, para ser mais específico, a turma B, formada por 31 alunos. Os dados apresentados correspondem aos meses de abril, maio e junho do ano supracitado.

Usou-se uma perspectiva qualitativa, pois, segundo Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e

atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo as relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 22).

Visando a obtenção de dados e informações para a pesquisa, foi aplicado um questionário semiestruturado com dez (10) questões a duas (02) professoras: a de Língua Portuguesa, Professora (P1) e a de Matemática, Professora (P2), por serem as disciplinas de maior carga horária semanal e, conseqüentemente, pelo fato de, em teoria, terem mais contato com os estudantes. Optou-se pelo questionário porque, segundo Parasuraman (1991), é um instrumento constituído por um conjunto de questões utilizado com a finalidade de produzir dados necessários para alcançar os objetivos de um projeto.

A aplicação do questionário teve como objetivo gerar dados acerca de como as docentes vivenciaram o ensino remoto, quais recursos e metodologias utilizaram em suas práticas diárias, como os estudantes responderam às aulas, quais suas maiores dificuldades e seus aprendizados. Para tanto, foram propostas as seguintes questões:

1. Como você se viu diante do ensino remoto?
2. Quais os recursos utilizados para ministrar suas aulas?
3. Sobre os recursos tecnológicos utilizados no ensino remoto, responda: a) Sentiu dificuldades para manuseá-los? b) Você conseguiu se adaptar às tecnologias adotadas? c) Dentre as ferramentas usadas no ensino remoto, alguma delas continua sendo usada nas aulas presenciais? Se sim, quais?
4. Visando garantir a aprendizagem dos estudantes, que metodologias você usou?
5. Dos estudantes que estudavam por meio de Roteiros de estudos, quantos, em média, os devolviam?
6. Os alunos demonstraram ter dificuldade em algum aspecto durante as aulas remotas? Se sim, quais?
7. Como era a participação dos estudantes nas aulas on-line?
8. De que forma os alunos responderam ao ensino remoto?
9. Mesmo diante das dificuldades, pode-se falar que houve aprendizado durante o ensino remoto? Em caso de resposta afirmativa, quais?
10. O ensino remoto ou híbrido pode ser considerado uma perspectiva para o futuro?

Dentre as questões apresentadas, faremos um recorte das respostas, voltando a nossa atenção para as questões 2, 3 e 9.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de garantir a participação dos estudantes nas aulas, a escola realizou no início do ensino remoto um mapeamento para saber o número de alunos que tinha acesso a tecnologias digitais e à internet. O levantamento evidenciou, por exemplo, que um expressivo número de estudantes do Ensino Integral tinha acesso a recursos tecnológicos e à internet, enquanto apenas uma pequena parcela da EJA o tinha.

De posse desses dados, foi discutido com os professores sobre quais recursos - plataformas, aplicativos, material impresso - utilizar, sua viabilidade e aplicabilidade, conforme a realidade de cada turma. Analisadas as possibilidades, optaram pelas seguintes ferramentas: *Google Meet*, *Google Classroom*, *Google Forms* e pela entrega de material impresso (Roteiro de estudos).

De acordo com as participantes da pesquisa, poucos estudantes conseguiam participar das aulas síncronas (ao vivo com professores), pelos mais diversos motivos: 1) ausência de aparelho celular, 2) celular com pouca memória, 3) inexistência de computador ou notebook, 4) falta de acesso à internet. Quando questionadas sobre a participação dos estudantes nas aulas online:

**P1:** Havia pouca participação por parte dos estudantes, os que conseguiam acessar as aulas, interagiam, participavam do jeito deles. Esse “participavam do jeito deles” sugere a forma tímida (câmeras fechadas, por exemplo) com que participavam e/ou às interações realizadas pelo chat.

**P2:** Apesar de aparentemente terem uma facilidade enorme com as tecnologias, os alunos se mostraram resistentes ao ensino remoto e diziam que era ruim estudar pela tela do celular, que preferiam o ensino presencial. Para a P2, a surpresa se deu porque “era comum flagrá-los utilizando o aparelho de telefone nas aulas presenciais”. A hipótese é que tal uso era feito por eles com finalidade não pedagógica, como por exemplo, para acessar às redes sociais. Outra possibilidade de interpretação é que, sendo a tela do celular muito pequena, isso dificulta a leitura e a visualização do material de estudo, comprometendo, assim, a aprendizagem. Além dos problemas relacionados às ferramentas digitais, os estudantes tiveram dificuldade para

apreender os conteúdos propostos durante o ensino remoto, sobretudo aqueles que não participavam das aulas virtuais, como podemos comprovar na fala da P2:

Como a minha disciplina é matemática, era preciso fazer demonstrações de como desenvolver os cálculos. Nesse momento, eles sentiam dificuldade em aprender. Então refiz meu planejamento para conteúdos matemáticos, de modo que os alunos não precisassem desenvolver cálculos que ainda não conheciam.

Como dito anteriormente, grande parte dos alunos da turma observada foi obrigada a estudar sozinha em casa, sem o acompanhamento e sem o olhar dos seus professores. Assim sendo, a realidade vivenciada pelos sujeitos desta pesquisa vai de encontro com o pensamento de Casatti (2020, s/p), ao afirmar que:

Estamos diante de uma oportunidade fantástica porque a pandemia acelerou um processo, que já estava em curso, de integração entre a tecnologia e a educação. [...] Podem ser sementes para a transformação digital e cultural tão necessária no ensino, unindo práticas pedagógicas inovadoras, como o aprendizado híbrido e metodologias ativas, com tecnologias educacionais inteligentes, que potencializam as capacidades do aluno aprender e do professor inovar.

Se, por um lado, a pandemia configurou-se como uma importante oportunidade para integrar tecnologia e educação, por outro, foi responsável por desnudar a cruel desigualdade social, que colocou estudantes de escolas particulares e públicas em lugares tão distantes. Enquanto aqueles, por possuírem condição financeira favorável, podiam participar das aulas em tempo real com seus professores, um gigantesco número de estudantes da rede pública foi obrigado a estudar sozinho em casa. Sobre isso, Aguiar *et al* (2021, p. 779) destacam:

[...] uma imensa desigualdade social e educativa, grande desafio inédito para a Educação Básica, para políticas públicas, para gestores, educadores, pais, comunidade educativa, com desigualdade no acesso aos recursos tecnológicos, limitações no acesso ao conhecimento, um processo educativo e epistemológico construído, hoje, fora do espaço escolar, que não atinge a todos, sobretudo os educandos das camadas populares.

Diante desse contexto e das respostas dos discentes sobre as aulas virtuais, as docentes investigadas tiveram que replanejar suas aulas para atender as demandas do então formato de ensino. Nessa direção, buscaram dinamizar suas práticas pedagógicas recorrendo a diferentes metodologias, como por exemplo, à utilização de slides, de músicas, de vídeo motivacionais, dentre outras. “Usei muitos slides e vídeos, pois foram as metodologias que mais facilitaram o ensino de Matemática de forma online” (P2). É importante dizer que todas as atividades propostas que exigiam o uso de ferramentas digitais eram adaptadas para a versão impressa, para atender aos alunos que estudavam por meio dos roteiros de estudos. Fica evidente na fala

da professora uma clara preocupação com a aprendizagem, afinal quando constatava as dificuldades dos seus alunos, imediatamente buscava outras metodologias de ensino.

Com base nos dados observados, podemos afirmar que, embora o estudo através de material impresso tenha sido muito criticado e questionado por educadores e familiares de alunos, tendo em vista fatores como o distanciamento entre discentes e docentes, por exemplo, dentre as alternativas utilizadas durante o ensino remoto, esta foi a que mais alcançou estudantes, garantindo-lhes o direito de acesso e continuidade aos estudos. Como resultado, verificou-se que praticamente não houve reprovação na turma observada, a saber: de 31 estudantes, 30 foram aprovados e 01 estudante apenas foi reprovado, não havendo transferidos nem desistentes. Desse modo, é possível asseverar que as medidas adotadas pela escola no ensino remoto foram, no mínimo, frutíferas quanto ao fluxo escolar.

Todavia, quando questionadas a respeito do aprendizado construído durante esse período de pandemia, observamos perspectivas diferentes sobre esse aspecto, pois, para a P1 “Mensurar o aprendizado diante de um contexto que era, ao mesmo tempo, novo e desafiador, tornara-se uma tarefa complexa, posto que as aulas remotas acentuaram as dificuldades já enfrentadas pelos estudantes da EJA”. Enxergando por outro prisma, a P2 declarou que, por superar barreiras e ultrapassar as paredes da escola, o ensino remoto foi um período de significativo avanço para a educação. Nesse tempo-espço, juntos, professores e alunos se (re) inventaram, desenvolveram habilidades até então desconhecidas e construíram novas relações e novos saberes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada revelou que os estudantes da EJA superaram os reveses impostos pela pandemia da covid-19 e se adaptaram ao modelo de ensino proposto pela escola naquele momento - o ensino remoto - que, embora, a princípio, tenha gerado insegurança em alguns estudantes e suscitado o pensamento de abandono aos estudos em outros, configurou-se como uma vultosa oportunidade para a construção de conhecimentos que ultrapassam os muros da escola.

Segundo os sujeitos da pesquisa, o ensino remoto, que inicialmente provocou preocupação, angústia e insegurança nos alunos e nos professores, justamente por ser algo novo e diferente de tudo que haviam vivenciado, pode ser uma perspectiva para o futuro da educação básica. Como justificativa para essa afirmação, as professoras revelaram que, mesmo com o

retorno das aulas presenciais, continuam utilizando ferramentas adotadas nas aulas remotas, como *Google Forms* e o *Google Meet*.

Nessa perspectiva, fazendo uma análise do percurso trilhado por docentes e discentes no decorrer do ensino remoto, observamos a ocorrência de mudanças significativas no contexto escolar, especialmente em relação ao uso da tecnologia como recurso pedagógico. Com isso, a tendência é que as aulas tradicionais e expositivas, aos poucos, deem espaço para aquelas que colocam o estudante como protagonista de sua aprendizagem. Nesse sentido, a educação do futuro prevê professores como grandes incentivadores da autonomia dos seus alunos na construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, D. R. C; CRUZ, C; RESENDE, F. G. **Efeitos da Pandemia COVID – 19 na Educação Básica: Desafios e Perspectivas para o século XXI. I Congresso Latino-americano.** 2021. Disponível em: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/8892/form2337251919.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 15 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** 28 abr. 2020b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-paraescolas-durante-a-pandemia>. Acesso em 15 maio. 2022.

BRASIL. **Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 10 maio. 2022.

CASATTI, Denise. **Um guia para sobreviver à pandemia do ensino remoto.** Universidade de São Paulo - USP: São Paulo. 2020. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/um-guia-para-sobreviver-a-pandemia-do-ensino-remoto/> Acesso em 28 abril. 2022.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.



PARASURAMAN, A. Marketing Research, 2. ed. New York: Addison-Wesley Publishing Company, 1991.

ROSA, R. T. N. **Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19.** Revista Científica Schola, v. VI, n. 1, julho, 2020, p. 01-04. Acesso em: 02 jun. 2021.